



# **VI Encontro dos Neabis para Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas no IFCE**

**RACISMO ESTRUTURAL E EXTERMÍNIO DAS ALTERIDADES: CAMINHOS DE SUPERAÇÃO**

Iguatu  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará**  
**Sistema de Bibliotecas – SIBI**

---

I59s Instituto Federal do Ceará. Pró-reitoria de Extensão.  
VI Encontro dos Neabis para Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFCE – Tema: racismo estrutural e extermínio das alteridades: caminhos de superação / Comissão organizadora: Ana Cláudia Uchôa Araújo; Anna Erika Ferreira Lima; Cristiane Sousa da Silva; Patrícia Fernandes de Freitas; Hellenvivian de Alcântara Barros, Kelma de Freitas Felipe, Santana Lopes. – Fortaleza: IFCE, 2021.  
50 p. il. color.

Evento realizado no *campus* Iguatu, em 2019.  
Ebook no formato PDF – 2,74 MB  
ISBN 978-65-87470-30-6

1. Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi) – IFCE. 2. VI Encontro dos Neabis (2019) - IFCE. 3. Relações étnico-raciais. 4. Racismo estrutural. I. Araújo, Ana Cláudia Uchôa. II. Lima, Anna Erika Ferreira. III. Silva, Cristiane Sousa da. IV. Freitas, Patrícia Fernandes de. V. Barros, Hellenvivian de Alcântara. VI. Felipe, Kelma de Freitas. VII. Lopes, Santana. VIII. Unilab (colab.). IX. UFRPE (colab.). X. Comunidade Indígena Anicé e Kanindé. XI. Título.

CDD (23. ed.) 307

---

**Bibliotecária responsável: Etelvina Maria Marques Moreira CRB 3/Nº 615**



**VI ENCONTRO DOS NEABIS**  
04, 05 e 06 de Dezembro/2019  
**RACISMO ESTRUTURAL E EXTERMÍNIO DAS ALTERIDADES: CAMINHOS DE SUPERAÇÃO**



### **COMISSÃO ORGANIZADORA**

Santana Lopes -NEABI Iguatu

Kelma de Freitas Felipe - PROEXT

Hellenvivan de Alcântara Barros - PROEXT

Patrícia Fernandes de Freitas-PROEXT

Cristiane Sousa da Silva - Coordenadora da CAD PROEXT

Anna Erika Ferreira Lima - Chefe do Departamento DESC PROEXT

Ana Cláudia Uchoa Araújo - Pró-reitora de Extensão

### **COMISSÃO DE RELATORIA**

Eliza Marta Gonçalves Ferreira

Elenice Moraes

### **COLABORADORES/AS**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Comunidades Indígenas Anacé e Kanindé

### **REVISÃO TEXTUAL**

Érica Fernandes - Reitoria PROEXT

Cristiane Sousa da Silva - Coordenadora da CAD PROEXT

Anna Erika Ferreira Lima - Chefe do Departamento DESC PROEXT

Ana Cláudia Uchoa Araújo - Pró-reitora de Extensão

### **DIAGRAMAÇÃO**

Liara Maria Ramos de Carvalho

Anna Erika Ferreira Lima



**VI ENCONTRO DOS NEABIS**  
04, 05 e 06 de Dezembro/2019  
**RACISMO ESTRUTURAL E EXTERMÍNIO DAS ALTERIDADES: CAMINHOS DE SUPERAÇÃO**



**LOCAL DO EVENTO:**

IFCE – *campus* Iguatu

**PARTICIPANTES:**

Comunidade acadêmica do IFCE: docentes, técnicos administrativos e discentes de diversos *campi* do IFCE.

Comunidade externa: representantes dos movimentos sociais das pessoas negras, quilombolas e indígenas do Estado do Ceará.

Participaram do evento aproximadamente 100 pessoas.



## SUMÁRIO

<b>I APRESENTAÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>II RELATOS DOS MOMENTOS</b>	<b>7</b>
1º DIA: quarta-feira, 04/12/2019	7
2º DIA: quinta-feira, 05/12/2019 das 08h às 10h - Rodas de conversas	15
2º DIA: quinta-feira, 05/12/2019 das 13h30min às 20h	25
3º DIA: sexta-feira, 06/12/2019 das 8h às 12 hs	30
3º DIA: sexta-feira, 06/12/2019 das 13h às 15h30min	36
<b>III AVALIAÇÃO DO VI ENCONTRO DO NEABIS IFCE</b>	<b>37</b>
1. DIVULGAÇÃO E MOBILIZAÇÃO	38
2. O QUE VOCÊ ACHOU DO LOCAL ONDE O EVENTO FOI REALIZADO?	38
3. COMO VOCÊ AVALIA O DOMÍNIO TEÓRICO-PRÁTICO DOS PALESTRANTES E DEBATEDORES DO EVENTO?	39
4. O QUE VOCÊ ACHOU DAS RODAS DE CONVERSA, OFICINAS E GT's?	40
5. DENTRE OS ASSUNTOS TRATADOS, ALGUM NÃO FICOU CLARO?	40
6. VOCÊ SENTIU FALTA DE ALGUM ASSUNTO? QUAL?	41
7. QUAL A NOTA GERAL QUE VOCÊ DÁ PARA O EVENTO?	42
8. A PARTIR DA NOTA ATRIBUÍDA ACIMA, QUAL A SUA IMPRESSÃO DO ENCONTRO E DA PROGRAMAÇÃO?	42
9. SUGESTÕES PARA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES	44
<b>FOTOS DO EVENTO</b>	<b>46</b>
<b>IV CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>50</b>



## I APRESENTAÇÃO

O VI encontro dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas -Neabis- do IFCE aconteceu de 04 a 06 de dezembro de 2019, no *campus* de Iguatu.

O evento foi resultado de uma parceria entre a Pró-reitoria de Extensão - PROEXT- e o *campus* Iguatu, contando com o apoio da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE e das comunidades Indígenas Anacé e Kanindé.

Com o tema “Racismo estrutural e extermínio das alteridades”, o evento buscou promover discussões acerca das relações étnico-raciais nas diversas modalidades de ensino do IFCE, abraçando as dimensões da pesquisa e da extensão, para fortalecer os Neabis já implementados e contribuir para a implantação de novos Núcleos, além de estimular o desenvolvimento de ações que venham colaborar para a redução do racismo estrutural existente no Instituto e em nossa sociedade.

A programação estruturou-se em 3 dias e contou com a realização de palestras, mesas redondas, rodas de conversas, oficinas, grupos de trabalhos, nos quais foram abordados os seguintes temas:

### - Mesa de abertura

- Racismo estrutural e extermínio das alteridades: caminhos de superação. Debatedoras: Profa Dra. Joanice Santos Conceição e a profª Dra. Vera Regina Rodrigues da Silva, ambas da UNILAB;

### - Rodas de conversas

- Feminismo negro;
- Desafios contemporâneos das religiões de matrizes africanas no Ceará;
- Desafios e conquistas das lutas dos indígenas no Ceará;
- Racismo e saúde mental; e
- Experiências do bem (con)viver no semiárido.

### - Mesa redonda

- Educação indígena formal e informal.

### - Palestra

- Racismo estrutural e educação: políticas de ações afirmativas e implementação da lei 10.639/03 e 11.645/08.



### - Grupos de trabalho

- Indígenas e a organização das lutas de resistência no Ceará e negro/a nos espaços institucionais.

O Encontro também evidenciou discussões sobre o regimento dos Neabis no IFCE e a escolha do *campus* que sediará o próximo evento.

A seguir, faremos uma memória do evento, contudo, algumas partes ficaram sem registros textuais e fotográficos, pois os responsáveis pelas respectivas atividades tiveram problemas técnicos. Esperamos que os registros que seguem levem o/a leitor/a a perceber a importância deste encontro para a discussão da educação das relações étnico-raciais, no âmbito das instituições de ensino, mais especificamente no IFCE.

Neste documento, também trouxemos a avaliação do evento, que permite à equipe organizadora (*campus* e Proext) obter as percepções do público participante. Este olhar avaliativo nos permitirá, para os próximos eventos dos Neabis, melhorias em relação aos itens avaliados.

## II RELATOS DOS MOMENTOS

### 1º DIA: quarta-feira, 04/12/2019

**16h** - Início do Credenciamento e exposição de artigos e venda de livros no rol, em frente ao auditório central do *campus* de Iguatu.

**18h30** - A abertura oficial <sup>1</sup> e formação da mesa de abertura  
formação da mesa:

Dijauma – Diretor do *campus* anfitrião – deu as boas vindas, desejou que os participantes aproveitassem bem o encontro e que a aprendizagem e as discussões sobre o papel dos NEABIs fossem promissoras.

Zandra – Pró-reitora de Extensão – destacou a presença dos Neabis em 25 dos 33 *campi* do IFCE. Ressaltou que vê o *VI Encontro para Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do*

---

<sup>1</sup> A apresentação cultural do grupo de danças ancestrais, prevista para a noite de abertura do evento, foi adiada para o dia seguinte, devido ao atraso, na chegada, do ônibus que trazia os participantes do grupo.



IFCE como uma oportunidade de compartilhar experiências e de fortalecer a atuação institucional, no que se refere às políticas afirmativas e rompimento com as situações de racismo estrutural.

Santana – Coordenadora do Neabi/Iguatu – numa fala breve, acolheu os participantes e enfatizou sua satisfação em recebê-los/as. Na ocasião, convocou todos/as à luta, ao enfrentamento da realidade de morte que vem sendo imposta pelo atual governo, pois “O BRASIL É NOSSO!”.

Gleudson – discente indígena do *campus* de Paracuru, chamou a atenção para o necessário respeito às identidades, culturas, vivências dos diferentes, que se expressem na adoção de políticas que garantam o acesso, a permanência e o êxito dos povos originários e negros no IFCE.

**Foto 1:** Mesa de abertura do VI Encontro para Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do IFCE







**Foto 2:** Exposição e venda de livros no evento



Encerradas as falas da mesa de abertura, iniciou-se a Conferência de abertura, cuja temática foi “Racismo estrutural e extermínio das alteridades: caminhos de superação”. Compuseram a mesa debatedora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vera Regina Rodrigues da Silva e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Joalice Santos Conceição – ambas da UNILAB. A mediação ficou por conta do Prof. Dr. Lúcio José de Oliveira – IFCE/Neabi – *campus* Iguatu.

A fala inicial da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vera Regina foi de agradecimento aos seus ancestrais/sua ancestralidade. Trouxe elementos que caracterizam o racismo estrutural e sentenciou: “no cenário de discurso de ódio, silenciamento, vamos trazer Palmares de novo”. Ou seja, o recrudescimento da violência, da dominação, do preconceito, do racismo, nos dias atuais, nos impõe o fortalecimento da luta contra tais males – como ocorreu nos Quilombos. Indicou o livro “O que é racismo estrutural?” do autor Sílvio de Almeida. Deteve-se, de forma mais alongada, na temática do Extermínio das alteridades, expondo 4 aspectos de como isto se efetiva:

1. Apropriação cultural - “A cultura negra é popular, mas as pessoas negras, não.” B. Easy (2018). O sujeito (negro) produtor da cultura é desqualificado. Não há respeito às referências. Exemplos: cartaz divulga uma festa com o título de WAKANDA, entretanto, não há referência, nem participação de negro. Modelo branca desfila usando vestido com estampa da escrava Anastácia. Acarajé vendido em festa religiosa (acarajé cristão – sem azeite de dendê).



2. Racismo religioso – diferente de intolerância religiosa. O ataque aos terreiros é um claro exemplo de racismo religioso.
3. Ataque as Universidades – quem vai ocupar os espaços públicos futuramente? Os negros estão acessando a universidade, isto precisa ser freado – critica-se as cotas raciais em detrimento das cotas sociais, não se compreende cotas como ação afirmativa e se naturaliza a negação do direito de negros ao acesso à educação superior.
4. A necropolítica – degradação e desintegração social. No tocante à política de segurança, há a naturalização da morte de pessoas negras. Exemplo: 80 tiros disparados pelo exército contra um professor no Rio, a chacina de Paraisópolis.

Referindo-se aos **Caminhos de Superação**, a professora apontou para a necessidade do estabelecimento de redes afetivas (só se tem afeto com quem respeita), teóricas (estudar, conhecer a história para fundamentar decisões, comportamentos) e políticas (relações de poder, estender a mão, escolher com quem vai caminhar). **Formas de Superação**: Grupos de mulheres negras, Universidade, Questionamentos: O que é ser negro na academia? E convocou: “ORGANIZEM-SE! NUNCA A VIOLÊNCIA NESSE PAÍS FOI TÃO EXPLÍCITA!”.

A professora Joalice iniciou sua apresentação com uma canção de saudação à Santa Bárbara (para cristãos católicos) e Iansã (para o Candomblé). Focou sua fala no Racismo estrutural. Evidenciou que o negro não adentrava à universidade e que sofreu dois tipos de exploração: o 1º tipo de exploração está relacionada ao trabalho – os índios eram tidos como corpo mole, então exploraram o trabalho do negro; o 2º tipo é a exploração internacional – os negros foram trazidos do seu país. De que maneira se legitima a inferiorização do negro? Desqualifica-se, retira-se a humanização, coisifica-se (negro não é gente) e estabelece-se a dominação. Quatro conceitos são utilizados no processo de dominação:

1. Raça – criação de estereótipos de inferiorização (cor, boca, cabelos). Cotas raciais – ações afirmativas, reparadoras.
2. Racismo – é negado para não falar sobre, para não ser enfrentado/superado.
3. Racismo estrutural – enraizado na origem da história.
4. Alteridade – configura-se na relação com o outro, capacidade que uma pessoa tem de se colocar no lugar do outro.



Profa. Joalice indagou: “Intolerância religiosa ou racismo religioso? Nós, negros, queremos RESPEITO, não queremos clemência/tolerância! Somos filhos de reis. Nos trouxeram para cá, vão ter que nos aguentar, nos respeitar! Os deuses/deusas sofreram adulteração pelo ocidente. Os deuses originais remetiam a elementos da natureza.” A fala da professora foi encerrada com apontamentos para o enfrentamento ao racismo:

- conhecer bases fundantes do racismo;
- fortalecer identidades afro-brasileiras;
- fazer adentrar o mundo das escolas/universidades a igualdade; e
- contestar a universalidade da raça, da cultura dominante.

Professor Lúcio, mediador, antes de iniciar o debate, expôs informações relevantes acerca da temática. Entre elas, ressaltou que

- 66% da população do Ceará é composta por pretos ou pardos;
- não se deve falar em racismo, mas RACISMOS, no plural, posto que comportamentos e atitudes racistas distinguem-se segundo a condição social, o nível de escolaridade e o gênero, por exemplo. Racismos estes manifestados no silenciamento e na criminalização/marginalização do negro, na definição de raça como fator biológico (negro fleumático – insensível, não sente dor / animalizado, o mulato – mistura de mula com égua);
- a Lei do boi – tipo de cota para beneficiar filhos de fazendeiros a ingressar nos cursos de Agronomia e Veterinária.

## INTERVENÇÕES/DEBATE

QUESTIONAMENTOS	RESPOSTA
Lucas – estudante de Geografia, <i>campus</i> Iguatu: racismo no assentamento Filadélfia em Iguatu.	- Professora Vera - muito presente no Brasil. - Somar forças, discutir processos de higienização das cidades, registrar, organização das famílias.



## VI ENCONTRO DOS NEABIS

04, 05 e 06 de Dezembro/2019

RACISMO ESTRUTURAL E EXTERMÍNIO DAS ALTERIDADES: CAMINHOS DE SUPERAÇÃO



	<ul style="list-style-type: none"><li>- Conscientizar, chegar junto, ter assessoria jurídica.</li></ul>
Leonardo – professor do <i>campus</i> Iguatu – por que não usar o termo etnia ao invés de raça?	<ul style="list-style-type: none"><li>- Considerar o nível conceitual e político. Se deixarmos de usar o termo raça, o racismo não vai acabar. Relações raciais diferem de relações étnico-raciais. É preciso trabalhar as estruturas. Somos inteligentes para mudar o construto social a nosso favor. O conceito de RAÇA foi entranhado na sociedade. Uma mulher negra não vai deixar de ser morta porque deixamos de usar RAÇA para usar ETNIA. Etnia é para diluir a verdade, é eufemismo. O problema não é a raça, mas o racismo.</li></ul>
Cristiane – professora do <i>campus</i> Limoeiro - Como se dá o agir antirracismo na universidade/ nos institutos federais?	<ul style="list-style-type: none"><li>- A implementação das Leis e a Educação é compromisso de todos.</li></ul>
Cinthya – professora do <i>campus</i> Iguatu – Relação racismo estrutural e saúde mental e a permanência do estudante negro. Como construir uma pedagogia antirracista frente ao racismo estrutural?	<ul style="list-style-type: none"><li>- Discutir formação (especialmente da psicologia), criar espaços de acolhimento, cuidado, o sofrimento mental está sendo banalizado.</li></ul>
Getúlio – as ciências biológicas subalternizam as ciências sociais ao definir raça?	<ul style="list-style-type: none"><li>- As ciências biológicas naturalizam as diferenças. A identidade política deve ter supremacia sobre a identidade genética.</li></ul>



Cacique Climério – 15 etnias em 20 municípios do Ceará. Como enfrentar a negação da identidade dos povos indígenas?

- A autodeclaração não basta para acessar direitos. Deve haver responsabilidade teórica. O índio foi fossilizado (índio usar internet não o faz deixar de ser índio.)
- “Eu não acho nada, eu analiso” (Vera).
- “A identidade é vivida” (Joanice).

**Foto 3:** Conferência de abertura com o tema: Racismo estrutural e extermínio das alteridades: caminhos de superação





**VI ENCONTRO DOS NEABIS**  
04, 05 e 06 de Dezembro/2019  
**RACISMO ESTRUTURAL E EXTERMINIO DAS ALTERIDADES: CAMINHOS DE SUPERAÇÃO**



**Foto 4:** Servidores/as do IFCE e da Unilab presentes na mesa e conferência de abertura



**Foto 5:** Público presente durante a primeira noite do evento





**2º DIA: quinta-feira, 05/12/2019 das 08h às 10h - Rodas de conversas**

<b>Roda de conversa -1</b>	<b>Feminismo negro</b>
<b>Mediação</b>	<b>Profª Alcione Alves da Silva/ Coord. do Neabi de Acopiara</b>
	<b>Profª Lúcia dos Prazeres- UFPE</b>

**Fotos 6 e 7:** participantes da roda de conversa Feminismo negro



**Obs:** Não obtivemos as anotações dos diálogos e encaminhamentos dessa roda de conversa, apenas os registros fotográficos.



<b>Roda de conversa - 2</b>	<b>Desafios contemporâneos das religiões de matrizes africanas</b>
<b>mediação</b>	<b>Profº Lúcio José de Oliveira - Iguatu</b>

**Obs:** Não obtivemos os registros fotográficos, anotações dos diálogos e encaminhamentos dessa roda de conversa.

<b>Roda de conversa - 3</b>	<b>Desafios e conquistas das lutas dos indígenas no Ceará</b>
<b>mediação</b>	<b>Cacique Cimério Anacé</b>

A Roda de conversa teve início com a apresentação dos participantes e seguiu com a motivação de Climério Anacé, que trouxe a situação dos povos indígenas do Ceará. Quem eram esses povos, onde estavam e os desafios que estes enfrentavam. Em torno desses questionamentos, Climério apresentou os indígenas do Ceará, num contexto temporal, a partir dos anos 80, momento que deu início ao movimento indígena pelo reconhecimento desses povos. Desde lá, a luta vem acentuando-se, cada dia mais, no objetivo da organização e permanência das etnias, como na busca pelo direito a seus territórios e culturas. Para isso, os nativos têm se organizado de acordo com a Convenção nº 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) e Constituição Federal de 1988. Porém, isso não tem sido o bastante para o respeito às muitas etnias indígenas que existem no Brasil e no Ceará. Aqui, segundo Climério, nesses 40 anos de luta, existem catorze (14) povos indígenas reconhecidos, ocupando 20 municípios, 25 territórios (com apenas um reconhecido pelo Estado) e 45 escolas indígenas, com aproximadamente 700 educadores/as. O modelo educativo segue a experiência dos povos Munduruku de Pernambuco. A saúde é assegurada pela SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena).

Climério lembra do silenciamento étnico e histórico vivenciado pelos nativos, que sofreram com a colonização. Esses povos só reiniciaram a luta e a organização, a partir dos anos 80, para mostrar a (re)existência dos povos indígenas, uma organização que teve início no Ceará, pelos povos Tapeba e, logo depois, vieram as articulações como a APOIME (Associação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo). A partir dos anos 90, mais etnias entraram na luta pelo





reconhecimento. Toda organização dos povos é regida pela Convenção nº 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho).

Ainda lembrando a luta dos nativos, Climério abordou a maneira como os índios eram vistos, antes da conquista da Constituição Federal de 1988, como silvícolas. Enfatizou que o reconhecimento dos territórios e o direito à autonomia e organização dos povos vieram a partir dos artigos 231 e 232 da CF. No entanto, isso, na realidade, é muito desafiante, pois a mesma Constituição deixa brecha na Lei, no que diz respeito à proteção dos territórios indígenas, como a Lei do uso do minério, que pode tirar os povos do seu lugar.

No estado do Ceará, grande parte dos povos estão nas regiões periféricas urbanas, isso porque as cidades têm demarcado seus perímetros urbanos para dentro dos territórios indígenas, como é o caso dos Tapebas. E quando há demarcação do solo urbano, os povos são retirados de suas áreas.

O Ceará tem a segunda maior população nativa do Nordeste, perdendo apenas para a Bahia, mesmo assim é o mais atrasado em demarcação de territórios. Tem vinte cinco (25) terras indígenas, com apenas uma (01) totalmente regularizada e outras cinco (05) com portaria. Os Tapebas têm quarenta (40) anos de luta pela terra e enfrentam um fazendeiro, há tempos, porque parte de seu território está localizado dentro da fazenda do segundo maior fazendeiro do Ceará. Na última década houve grandes explosões de retomada de terra por parte do Estado.

## **INTERVENÇÕES/DEBATE**

Sobre os conflitos, alguns integrantes da roda de conversa apontaram o Estado como maior opressor, porque nega a existência dos povos, invade os territórios, reprime, criminaliza as lideranças. No entanto, alegam a coragem que permanece viva entre as etnias e que vem enfrentando o governo Bolsonaro como outros.

Foram tecidas algumas considerações sobre a FUNAI não reconhecer um povo indígena. Quem deve reconhecer é o próprio povo. A FUNAI apenas emite a documentação de reconhecimento da comunidade.

Seria importante que o Neabi desenvolvesse atividades que ajudassem e orientassem algumas comunidades - as que ainda não se reconhecem enquanto nativos -



que desejam realizar o processo de mapeamento e organização na sua comunidade. Por exemplo, comunidade do Vale do Jaguaribe e de outras localidades de Limoeiro do Norte que não têm nenhuma etnia reconhecida, mas que seus costumes são visivelmente indígenas, pois não existe uma instituição ou ONG que se aproxime desses locais para realizar um trabalho de mapeamento desses povos.

**Fotos 8 e 9:** Roda de conversa - Desafios e conquistas das lutas dos indígenas no Ceará



**Roda de conversa - 4**

**mediação**

**Racismo saúde mental**

**Projeto vai dar bom juventude nas trilhas do bem viver IFCE/ Iguatu**

A roda de conversa teve início às 8h20min, com 27 pessoas presentes. A dinâmica inicial foi de acolhida e de apresentação, onde cada participante falou seu nome, a instituição e demonstrou alguma característica sua através de uma mímica. O objetivo da roda foi estabelecer uma conversa sobre como o racismo afeta a saúde mental.

A estudante Edilânia realizou uma mística sobre a estética da mulher negra, em seguida foi lido o monólogo intitulado “Eu resisto”, subsidiando o debate sobre o tema.



Jandson, Psicólogo e Professor do *campus*, começou a discussão, ressaltando que ao final poderiam ser pensadas estratégias sobre como a instituição pode cuidar da população negra e indígena, no sentido de uma construção de educação e sociedade mais igualitárias.

Lara, estudante, perguntou sobre quais os aspectos que mais impactam na saúde mental.

A estudante Suyane questionou sobre o suicídio de jovens negros e LGBTQs, sobre o acesso à graduação, sobre a presença de professores/as negros/as, sobre a participação de convidados/as negros/as em eventos.

Outras falas trouxeram as seguintes pautas:

- A presença de professoras negras, na mesa redonda do evento, foi significativa e representativa à luta.
- Há uma percepção e constante fala dos professores dos cursos de graduação acerca da mudança de perfil do estudante. Percepção esta que assume caráter preconceituoso, uma vez que é carregado do estigma de que o “novo” estudante é mais fraco ou sabe menos.
- A Lei das Cotas não tem sido suficiente para a participação negra nas instituições. Os dados provam isso.
- Questionamento sobre como as instituições de ensino podem acolher a população de diferentes raças. Esse avanço na participação pode ocorrer a partir do reconhecimento pessoal de pertencimento à população negra ou indígena, uma vez que várias pessoas não se reconhecem ou negam seu pertencimento à determinada raça. É necessário uma maior sensibilização sobre o autorreconhecimento do que é ser negro. Outro aspecto que contribui com o avanço na participação foi a criação da comissão de heteroidentificação.
- Breve explicação sobre a diferença entre as cores pardo e preto, ambas compoendo a raça negra, e exposição de alguns dados em relação à remuneração no mundo do trabalho, considerando as diferenças de cor.
- Reflexão sobre o padrão de beleza imposto sobre a cor de pele, estilo do cabelo, dentre outros aspectos, e como isso influencia o desenvolvimento da pessoa. Desde



criança essa diferença e imposição de padrão de beleza são impostas de tal maneira que as pessoas não percebem. Helen, docente, abordou uma preocupação com relação ao sofrimento mental de crianças negras, que constantemente estabelecem uma baixa autoestima em relação à beleza negra, apontando a beleza branca como a ideal, a desejada.

- Pontualidade e escassez dos eventos que se destinam à valorização da população negra. Neste momento, uma professora da Reitoria sinalizou a exigência da PROEN de que os docentes devem inserir discussões raciais em seus currículos.
- A percepção de que as cotas aumentam o preconceito é uma afirmativa presente para muitas pessoas. A discente Lara pontuou sobre sua experiência com as oficinas realizadas com estudantes do ensino médio. Nestas atividades, crianças e adolescentes apresentavam essa percepção sobre as cotas e apresentaram dificuldade para reconhecerem seu tom de pele, pois a identificação individual delas é com pessoas brancas, mesmo diante do pertencimento a outra raça. Isso impacta na possibilidade de usufruírem de ações afirmativas.
- Historicamente, o negro é mal atendido em determinados espaços, como shoppings, por exemplo. A população negra tem marcas de exclusão, ao longo dos anos, de forma implícita e explícita.
- Assistente de alunos do *campus* Canidé afirmou que a culpa do preconceito sofrido pelos negros, no ambiente acadêmico, não deve ser legada às cotas, mas sim ao espaço que negou historicamente o ambiente acadêmico aos negros. Uma indicação foi a de que a saúde mental escute mais os pretos retintos. O racismo perpassa um sofrimento agravado, conforme a faixa geracional.
- Há processos agressivos e de inibição de si mesmo. A exclusão social acontece cotidianamente e o racismo é estrutural, na medida em que reproduzimos padrões e perspectivas homogeneizadores. A agressividade também acontece a nível cultural, em que determinados espaços de músicas ou arte são criminalizados. O próprio IFCE se organiza de tal modo que evidencia a presença de símbolos apenas da igreja católica, as paredes e espaços têm que ser pintados de branco sem qualquer manifestação das diferenças culturais.

Finalizando a roda de conversa, Jandson fez um resumo das falas e propostas e uma breve explicação sobre a formação da comissão de heteroidentificação, sobre como



ela foi organizada e seu modo de funcionamento, desde a acolhida do candidato até a decisão final. Retomou a explicitação de alguns termos, como racismo de marca e racismo de origem. O momento foi encerrado com uma intervenção discente por meio da leitura da poesia intitulada “Deus Branco”, de Luiz Ribeiro.

**Fotos 10 e 11:** Roda de conversa - Racismo saúde mental



**Roda de conversa - 5**  
**mediação**

**Experiências do Bem (Con) viver – IFCE Iguatu**  
**Cáritas Diocesana de Iguatu**



Precedendo o início desta roda de conversa, a sala, onde esta ocorreu, foi cuidadosamente ambientada com cartazes, painéis que lembravam as lutas dos movimentos camponeses, cabaças, cuias, chapéu de palha, recipientes contendo sementes crioulas nativas, dentre outros elementos compuseram o cenário. Os/as participantes foram acolhidos/as com saudação boas vindas e a face molhada por água perfumada. A roda de conversa recebeu 26 inscrições, destas, apenas 6 compareceram. Outras pessoas, não inscritas, puderam participar, somando 13 participantes, acrescidos das duas “cuidadoras” da Cáritas e de um facilitador, totalizando, assim, 16 pessoas presentes.

Às 8h30min, a roda de conversa teve início com uma mística, entoando o mantra: *TUDO ESTÁ INTERLIGADO COMO SE FOSSEMOS UM. TUDO ESTÁ INTERLIGADO NESTA CASA COMUM.* Neste momento, Anastácio chamou a atenção para a necessária interação/sintonia com os elementos da natureza – “ fomos molhados na entrada para lembrar a presença e a importância da água nas nossas vidas, também para simbolizar a fraternidade. Fomos nos perdendo e nos separando da natureza. O homem a serviço do capital, destrói – em nome do lucro – a natureza. Precisamos retornar à natureza.”

A partir desta reflexão, todos foram convidados a tirarem seus calçados, depois a sentarem ou deitarem no chão, a sentirem-se no útero da terra; sentirem-se semente que é acolhida pela terra, respirar pausadamente, sentirem o ar e alimentar-se dele.

Em seguida, aconteceu uma atividade guiada: **INSPIRAR:** Sonhos, lutas, sororidade, pão partilhado. **SOLTAR:** dominação, preconceito. Energizar para bem viver e conviver novas relações: pluralismo, interculturalismo, diversidade. “Restaurarmo-nos uns aos outros, ouvindo e aprendendo. Somos luz e somos barro. É nesse barro que acontece a vida. Deixar emergir as várias identidades, a diversidade. Fazer o acolhimento dos diferentes. Quanta violência com o diferente. Somos sementes lançadas na terra. Quantas sementes foram “socadas” na terra pelo poder dominante, mas teimam em nascer/renascer.” Dando continuidade, cada participante foi ungido nas mãos, com óleo de hortelã. À medida que recebiam o óleo, levantavam-se e tomavam seus lugares.

Eula, cuidadora da Cáritas, recitou o texto de Gênesis que narra a criação do mundo, ao tempo em que lançava sementes sobre o chão da sala. Todos foram



convidados a ficar de pé, fazer um círculo de mãos dadas, cantar e dançar numa ciranda – concluindo o momento da mística.

Para dar continuidade, a senhora Maria de Jesus – camponesa da comunidade Mocambinho, Saboeiro, guardadora de sementes nativas - foi apresentada ao grupo. Maria de Jesus contou suas experiências de viver e conviver com o semiárido, ressaltando que desde criança ajudava os pais no plantio e na colheita. Os pais mudaram-se para a cidade, mas ela não gostava. Casou-se e voltou a morar no sítio. Parou de usar veneno nas plantas porque via os pássaros morrerem. Depois, por meio do intercâmbio com a Cáritas Diocesana de Iguatu, começou a recuperar as sementes crioulas. Hoje, guarda sementes nativas, cultiva ervas medicinais, cheiro verde, produz licores, xaropes e garante a renda que sustenta a família, a partir do seu QUINTAL PRODUTIVO.

## **INTERVENÇÕES/DEBATE**

Pergunta: Quantas e onde existem casas de sementes na região da Diocese de Iguatu, acompanhadas pela Cáritas?

Resposta: Existem 15 casas de sementes, localizadas em comunidades nos municípios de Saboeiro, Jucás, Acopiara e Senador Pompeu. Há uma rede de intercâmbio de sementes que promove 2 encontros anuais de avaliação e planejamento de troca de saberes – sob coordenação/orientação da Cáritas Diocesana.

Pergunta: Como se dá a relação com as novas gerações, nesse processo de agroecologia?

Resposta: Maria de Jesus respondeu que os filhos entendem, mas os netos dizem que é coisa do passado. “Pessoal hoje não tem respeito pela natureza”.

Ao longo da conversa, as cuidadoras da Cáritas, apresentaram explicações sobre o que caracteriza AGROFLORESTA e QUINTAL PRODUTIVO. Agrofloresta – 20% da vegetação nativa é mantida, insere frutíferas próprias da região (goiaba, cajarana, ciriguela, hortaliças). Quintais produtivos – reduz a vegetação nativa para dar lugar a hortaliças - coentro, tomate cereja, couve. Guarda as sementes. Em ambos os modelos, há outra relação da agricultura com a terra. O respeito ao tripé TERRA-ÁGUA-SEMENTE para a convivência com o semiárido. Tem-se o cuidado



## VI ENCONTRO DOS NEABIS

04, 05 e 06 de Dezembro/2019

RACISMO ESTRUTURAL E EXTERMÍNIO DAS ALTERIDADES: CAMINHOS DE SUPERAÇÃO



com o meio ambiente. Diferentemente do que ocorre no agronegócio, onde há prevalência de monocultura, perigo dos transgênicos, utilização de agrotóxicos, sementes, distribuídas pelo governo, que não garantem a segurança alimentar, pois produzem uma só colheita.

A partir do relato de experiências de dona Maria de Jesus e das cuidadoras da Cáritas, foi lançado o questionamento: Como viver a AMOROSIDADE – como resgatar o apego dos mais novos ao campo? E assim a roda de conversa foi encerrada.

Obs: não recebemos registros fotográficos desta roda.

### 2º DIA: quinta - feira, das 08h às 10h - Oficinas

<b>Oficina 1</b>	<b>Danças africanas</b>
<b>Responsável</b>	<b>Projeto de Extensão Danças Africanas Ancestrais – NEABI de Fortaleza</b>

Fotos 12 e 13: Oficina de danças africanas







**Obs:** Não recebemos registro textuais dessa oficina.

<b>Oficina 2</b>	<b>Pinturas indígenas</b>
<b>Responsável</b>	<b>Josué do Kanindé</b>

**Obs:** Não recebemos registros textuais e fotográficos desta oficina.

<b>Oficina 3</b>	<b>Arte de rua</b>
<b>Responsável</b>	<b>Movimento de Hip-hop de Iguatu – MH2I</b>

**Obs:** Não recebemos registros textuais e fotográficos desta oficina.

<b>Oficina 4</b>	<b>Acarajé</b>
<b>Responsável</b>	<b>Prof. Dr. Lúcio José de Oliveira – IFCE/Neabi - campus Iguatu</b>

**Obs:** Não recebemos registros textuais e fotográficos desta oficina.

**2º DIA: quinta-feira, 05/12/2019 das 13h30min às 20h**

**Mesa redonda - A educação indígena formal e informal**



O turno da tarde, deste referido dia, foi destinado à realização de uma mesa temática sobre a educação indígena formal e informal e palestra sobre racismo estrutural e educação: políticas de ações afirmativas e implementação da Lei 10.639/03 e 11.645/08.

Para a realização da mesa temática sobre educação indígena, participaram os debatedores Cristina Pitaguary, Nilton Kanindé e Francisco de Paulo - Kanindé de Aratuba. A mediação foi realizada por Francisca Cleciane – karão.

Todos os debatedores fizeram um breve relato sobre suas vivências, em relação ao currículo e práticas pedagógicas na defesa do respeito e fortalecimento da educação indígena, nos ambientes educacionais.

Nilton Kanindé destacou os seguintes pontos: fortalecimento e resgate da identidade indígena, necessidade de formação de líderes para lutar pelos direitos indígenas, necessidade de acesso aos conhecimentos não indígenas. Relatou que o currículo precisa fazer uma conexão com as questões culturais dos povos indígenas, exemplificando as possibilidades de articulações com os eixos curriculares dos currículos. Citou o exemplo do eixo de linguagem – trabalhar a linguagem oral dos povos indígenas, as artes, espiritualidade e cultura; com o eixo etnomatemática – trabalhar simetria, estudos dos ângulos, geometria, área nos territórios indígenas; com o eixo das ciências Humanas – trabalhar as paisagens, fauna, flora, clima.

Em seguida, falou sobre as conquistas alcançadas, ao longo dos anos (alterações em projetos políticos pedagógicos, formação inicial e continuada, reconhecimento dos direitos indígenas, aquisição de material didático-pedagógico), mas destacou a necessidade das escolas valorizarem mais as vivências, respeitar as realidades diversas e valorizar a cultura local.

Cristina Pitaguary falou um pouco sobre o processo histórico de dificuldade e lutas para o reconhecimento e valorização da educação indígena. Falou que inicialmente as escolas tinham estruturas precárias e as lideranças foram, através de articulações, conquistando melhorias. Somente com este movimento é que foi surgindo novas escolas indígenas e a preocupação com a formação dos professores. Destacou que para o MEC não existe material didático voltado para as escolas indígenas, além de lembrar que os calendários letivos, muitas vezes, conflitam com os calendários internos/culturais. Ressaltou a importância do desenvolvimento da educação contextualizada.



Paulo Kanindé fez um relato sobre sua experiência profissional como professor da EJA, destacando as dificuldades enfrentadas, relatando que, inicialmente, mesmo sem ter muitos estudos, pediram para ele ser professor da escola de sua comunidade e só assim começou o investimento em seus estudos, reconhecendo a importância do ato de lecionar. Destacou também que porque recebe salário, queria comprar carro, ter melhores roupas, mas sempre existiu o preconceito de que só é índio aqueles que possuem o estereótipo estabelecido socialmente. Sofre com este processo, mas hoje reconhece que sua origem é indígena e que irá trabalhar para o seu povo, para valorização de sua cultura.

**Fotos 14:** Mesa temática sobre a educação indígena formal e informal



A **palestra** - Racismo estrutural e educação: políticas de ações afirmativas e implementação da Lei 10.639/03 e 11.645/08.

A palestra teve início às 15h30min e foi proferida pela Prof<sup>ª</sup> Dra. Denise Maria Botelho da Universidade Federal Rural de Pernambuco –UFRPE. A palestrante iniciou sua fala, destacando as pressões vividas na sociedade e pontuando que estas causam adoecimento mental, dentre elas o racismo, a discriminação, a não demarcação de terras indígenas e quilombolas, tudo isso é gera conteúdo suficiente para não estar feliz.

Em seguida, a professora homenageou Carolina de Jesus, Frantz Fanon e Nilma Lino (pessoas que lutaram e lutam pela igualdade racial e descolonização dos currículos, desafio para educação escolar).



Na ocasião, ponderou o fato da sociedade abrir vagas-cotas para os indígenas e negros, mas de continuar com os mesmos currículos. Neste momento, destacou a importância que o Neabi tem no processo de mudança curricular. Destacou ainda a preocupação de termos diversos temas, como diversidade sexual, racismo, indígena, pessoa com deficiência e estes não serem contemplados no currículo. Mas, enfatizou a relevância de trazê-los, pois estamos falando da humanidade. Lembrou ainda o significado do termo educação superior – educação destinada aos superiores. Fez questionamento em relação à quantidade de eventos que ocorrem apenas no mês de abril e novembro.

Prof<sup>a</sup> Dra. Denise Botelho trouxe uma reflexão sobre corpo e ideologia, lembrando que as diferenças sociais sempre pertencem a uma ordem econômica, política e ideológica. Destacou o fato de historicamente os negros terem sido trazidos/traficados para o Brasil porque os índios eram tidos como preguiçosos. Falou sobre a importância da interseccionalidade entre raça, gênero, geração e classe.

Fez a distinção entre Preconceito e discriminação, utilizando os conceitos de Guimarães (2004), que traz o preconceito relacionado à crença preconcebida acerca de atribuições, a partir de características físicas e discriminação, refere-se a comportamento e tratamentos diferentes entre pessoas. Afirmou que a pior das violências é a do preconceito, principalmente porque, nas relações preconceituosas, o que sofre sempre é tido pela outra parte como uma pessoa sem qualidades e atributos importantes, construídos socialmente.

Trouxe também uma abordagem sobre o conceito de raça humana, signo utilizado para organizar ou classificar categorias de pessoas, a partir da cor de sua pele, indicador do posicionamento dos indivíduos em uma determinada sociedade. (Segato, 2005, p. 205). O termo raça ganhou um sentido sócio-antropológico.

Destacou que a discriminação nas escolas, muitas vezes, vem dos próprios professores. Daí a importância dos Neabis, pois estes são porta-voz dos negros e indígenas que estão nas universidades. Não devemos nos calar.

Para finalizar, falou sobre a professora Petronilha Beatriz e seu grande trabalho na criação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana.



Ao final, Santana agradeceu a participação da professora Denise, entregou uma pequena lembrança e informou que teríamos um jantar e um momento de apresentação cultural para garantirmos um momento de lazer e socialização entre os participantes.

Santana destacou que, no dia seguinte, teríamos dois Grupos de Trabalhos - GT's e que os mesmos iriam encontrar-se nos auditórios do campus. Cristiane, professora do *campus* Jaguaribe, pediu a palavra para lembrar de que teríamos que realizar a reunião dos coordenadores e que deveria ser no dia seguinte, pela manhã. Kelma destacou a importância da reunião, mas não considerou viável que esta fosse realizada durante os GT's. Relembrou que, no último encontro dos NEABIs, a experiência de atividades paralelas não foi interessante. Sugeriu que a reunião fosse realizada à noite. Após as considerações e apresentação das duas propostas, as mesmas foram colocadas em votação e os participantes votaram para realização da reunião na manhã de sexta-feira.

**Foto 15:** Palestra: Racismo Estrutural e Educação: Políticas de Ações Afirmativas e Implementação da Lei 10.639/03 e 11.645/08.



**19:00h - Momento Cultural e Confraternização**



Após a palestra da professora Denise Botelho, o *campus* Iguatu ofereceu um jantar, momento oportuno para que os membros e simpatizantes do Neabis trocassem experiências sobre as ações desenvolvidas em seus *campi*.

Em seguida, os presentes foram convidados a participar do momento cultural previsto na programação, na ocasião cantaram, dançaram e conversaram. O intuito era proporcionar maior integração entre os participantes do encontro Neabis 2019. Os membros do Neabi Paracuru apresentaram as cantigas e danças indígenas.

**Obs:** Não recebemos registros fotográficos desse momento.

**3º DIA: sexta-feira, 06/12/2019 das 8h às 12 hs**

### **Reunião dos Coordenadores dos Neabis**

A reunião dos coordenadores iniciou-se às 8h15min com a presença dos seguintes participantes: Kelma - Coordenadora da Acessibilidade e Diversidade Étnico-Racial; Hellenvivian – Pedagoga da Proext; Guilherme - Intérprete de Libras da Proext; Maria de Jesus- Coordenadora do Neabi Tianguá; Luciano - vice-coordenador do Neabi Crato; Janailson- membro do Neabi de Juazeiro do Norte; Paulo Thiago – Coordenador do Neabi de Boa Viagem; Iara - Coordenadora do Neabi de Paracuru; Getúlio - Coordenador do Neabi de Tauá; Ana Amélia - Coordenadora do Neabi de Maranguape; Anastácio - membro do Neabi de Iguatu; Madalena – Coordenadora do Neabi de Horizonte; Érica - membro do Neabi de Fortaleza; Elielvir - Coordenador do Neabi de Limoeiro do Norte; Emerson - Coordenador do Neabi de Sobral; Cristiany- membro do Neabi de Caucaia; Cristiane – Coordenadora do Neabi de Jaguaribe; Jandson - membro do Neabi de Iguatu e Késia- membro do Neabi de Aracati.

Kelma falou aos presentes sobre a importância do momento para o fortalecimento dos Neabis, apresentou a todos o passo a passo para encontrar os documentos, referentes aos Núcleos, na página oficial da Proext/IFCE. Em seguida, passou para apresentação do Regimento, destacando que o espaço estava aberto para intervenções/ sugestões dos presentes em relação ao documento.



Os principais encaminhamentos/sugestões de alteração do Regulamento aprovado pela resolução N° 071, DE 31 DE JULHO DE 2017, serão apresentados a seguir.

1. Art. 2° O Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi), vinculado à Direção **Geral do campus Fortaleza.**

**Leia-se:** Art. 2° O Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi), vinculado à Direção **Geral de cada campus.**

2. Art. 4° O NEABI tem como objetivos:

I - Desenvolver **programas e projetos** em temas sobre relações étnico-raciais em diversas áreas do conhecimento, numa ação integrada e articulada entre ensino, pesquisa, extensão e assuntos estudantis.

**Leia-se:** I - Desenvolver programas e projetos e **eventos** em temas sobre relações étnico-raciais em diversas áreas do conhecimento, numa ação integrada e articulada entre ensino, pesquisa, extensão e assuntos estudantis.

3. Art. 7° **Garantir** a implementação de políticas de acesso, permanência e conclusão da formação com êxito dos negros/as e indígenas.

**Leia-se:** Art. 7° **Contribuir** para a implementação e **acompanhamento** de políticas de acesso, permanência e conclusão da formação com êxito dos negros/as e indígenas **com a efetiva participação das Pró - reitorias e Diretorias Sistêmicas Institucionais.**

4. Art. 13 As reuniões ordinárias ocorrerão conforme calendário prévio, pelo menos **bimestralmente**, devendo acontecer de maneira periódica, definidas no primeiro encontro, após a constituição do NEABI.

**Leia-se:** Art. 13 As reuniões ordinárias ocorrerão conforme calendário prévio, pelo menos **mensalmente**, devendo acontecer de maneira periódica, definidas no primeiro encontro após a constituição do NEABI.

5. Art. 17 § 2° **Preferencialmente, um dos membros do NEABI** deve possuir algum conhecimento e/ou experiência profissional em políticas de inclusão, ações afirmativas relacionadas à indígenas e quilombolas.

**Leia-se:** Art. 17 § 2° **Obrigatoriamente, o coordenador e vice-coordenador do Neabi devem apresentar carta de intenção**, informando possuir algum



conhecimento e/ou experiência profissional em políticas de inclusão, ações afirmativas relacionadas a indígenas e quilombolas.

6. Art. 20 Após a constituição do NEABI, os membros escolhidos deverão eleger o coordenador, vice-coordenador e o secretário que comporão a comissão gestora e criar comissões de trabalho para pensar mecanismos de acesso, permanência e êxito **da sociedade e comunidade acadêmica.**

**Leia-se:** Art 20 Após a constituição do NEABI, os membros escolhidos deverão eleger o coordenador, vice-coordenador e o secretário que comporão a comissão gestora e criar comissões de trabalho para pensar mecanismos de acesso, permanência e êxito dos **discentes.**

7. Art. 20 §3º Em caso de vacância ou ausência, **os suplentes** do NEABI substituem os respectivos titulares.

**Leia-se:** Art. 20 §3º Em caso de vacância **de um ou mais membros da comissão gestora, o NEABI deverá eleger novo(s) membro(s).**

8. Art. 25 - Compete, especificamente, ao **Coordenador:**

**Leia-se:** Art. 25 - Compete, especificamente, ao Coordenador e ao **Vice-coordenador**

9. Art. 25 - XI – Cumprir a carga horária mínima **de 5 (cinco) horas semanais** no Neabi, sendo contabilizada como carga horária do servidor.

**Leia-se:** Cumprir a carga horária **mínima de 8 (oito) horas semanais** no Neabi, sendo contabilizada como carga horária do servidor.

10. Art. 26 - **Retirar esse artigo**

11. Art. 27 - VI. Cumprir a carga horária mínima **de 5 (cinco) horas semanais** no Neabi, sendo contabilizada como carga horária do servidor.

**Leia –se:** Cumprir a carga horária mínima de **4 (quatro) horas semanais** no Neabi, sendo contabilizada como carga horária do servidor.

12. Art. 29 **Retirar esse artigo**

13. Art. 44 Os casos omissos neste regulamento serão apreciados e resolvidos pela Coordenação do NEABI juntamente com o Diretor Geral do *campus* e a Coordenação de **Projetos Especiais** da PROEXT.





**Leia –se:** Os casos omissos neste regulamento serão apreciados e resolvidos pela Coordenação do NEABI juntamente com o Diretor Geral do *campus* e a **Coordenação de Acessibilidade e Diversidade Étnico-Racial da PROEXT.**

Em relação a outras demandas e discussões apresentadas durante a reunião, falou-se sobre a necessidade de solicitar um aumento do valor do recurso que a PROEXT vem destinando para realização dos encontros dos Neabis, considerando as grandes dificuldades para a realização de um evento deste porte. Surgiu a proposta de adicionar ao encontro dos Neabis a apresentação de trabalhos, visando elaborar parceria com a PRPI e, se possível, ser realizada inscrição paga para os participantes do evento.

Foi proposto que o encontro dos Neabis, previsto para o ano de 2020, acontecesse no início do segundo semestre, considerando a grande concentração de atividades nos *campi*, ao final do ano. Sugeriu-se o mês de agosto e tal sugestão ficou de ser proposta em assembleia.

O grupo ressaltou a importância de participar dos Encontros Nacionais do Neabis, para ampliarmos as discussões. Nesse caso, seria imprescindível que o encontro dos Neabis do IFCE ocorra antes do evento Nacional. Ainda foi sugerido que os participantes do encontro do Neabis do IFCE que obtivessem melhores notas pudessem concorrer a uma bolsa para participar do encontro nacional.

Durante as discussões, o professor Emerson, *campus* Sobral, falou da falta de articulação entre o sistema da Proext - Sigproext - e o Plano de Permanência e Êxito do IFCE, ligado à Proen. O docente propôs que responsáveis pelos dois sistemas conversassem para buscar uma solução, na tentativa de evitar que os servidores tivessem trabalho duplicado.

Na oportunidade, a professora Cristiane, *campus* Jaguaribe, disse que os sistemas do IFCE invisibilizam as pessoas negras, sejam elas servidoras ou estudantes, pois não há espaço nos formulários de preenchimento que tratem acerca da cor e ou raça. Neste momento, Kelma destacou que a CAD já havia solicitado à Proen que fizesse a inserção dos quesitos raça/cor nos formulários da primeira matrícula. Para que houvesse as alterações no Q'Acadêmico, a Proen solicitou que fosse elaborada uma justificativa das alterações, estando esta em fase de elaboração junto a alguns membros de Neabis.



O professor Luciano, *campus* Crato, compartilhou com os presentes a importância das parcerias entre as instituições que trabalham com a temática da diversidade étnico-racial e citou como exemplo o evento do Artefato que ocorre na região do Cariri.

Ademais, o professor Getúlio, *campus* Tauá, falou sobre a necessidade de haver uma formação para os servidores do IFCE que aborde as questões étnico-raciais. Neste momento, a professora Cristiane, Jaguaribe, falou que, embora o artigo 12 do Regulamento dos Neabis fale numa política de ações afirmativas, o IFCE ainda não dispõe dessa política, mas acha necessário a sua implementação. Para isso, foi sugerido a criação de uma comissão para pensar a estruturação dessa política, no decorrer de 2020. As pessoas que se dispuseram em fazer parte dessa comissão foram: Cristiane (Jaguaribe), Valéria ( Crateús) , Getúlio ( Tauá) , Ana Amélia (Maranguape), Kelma ( Proext/ Fortaleza), Elielvir ( Limoeiro do Norte), Tatiane ( Quixadá), Jesus (Tianguá), Ana Érika ( Fortaleza), Paulo Thiago ( Boa Viagem) e Jandson ( Iguatu). Kelma frisou a importância dessa comissão, mas lembrou para todos que em 2020 o foco maior seriam as ações vinculadas à comissão de heteroidentificação.

Quanto ao artigo Art. 38, o qual expressa que cada coordenador de NEABI deve receber Função Gratificada (FG), condicionada à disponibilidade orçamentária da gestão, alguns participantes falaram da falta de compromisso da Instituição ao descumprir tal medida. Contudo, outros servidores expuseram que a falta de pagamento da FG, no IFCE, tem ocorrido em várias coordenações, ou seja, é um problema do IFCE e, em geral, das instituições públicas.

Outra questão apresentada pelo grupo foi a permanência, no grupo do Whatsapp, apenas dos profissionais que ocupam a função de coordenador e vice-coordenador dos Neabis, para que as discussões pudessem ser melhor direcionadas. Ainda foi solicitada a constituição de um e-mail institucional para cada Neabi, para melhorar a comunicação entre a CAD e os membros dos Núcleos.

Todas as propostas discutidas, durante a supracitada reunião, foram colocadas e apreciadas em assembleia pelos os participantes do evento, no turno da tarde.

Paralelo à reunião dos coordenadores, ocorriam dois Grupos de Trabalho. Um abordou a questão dos indígenas e a organização das lutas de resistência no Ceará e o outro deteve-se sobre pessoas negras nos espaços institucionais.



Grupos de Trabalhos:

<b>GT 1</b>	<b>Indígenas e a organização das lutas de resistência no Ceará.</b>
<b>Mediação</b>	<b>Cristina Pitaguary, Francisca Cleciane – karão</b>

**Foto 16:** GT 1 Indígenas e a organização das lutas de resistência no Ceará.



**Obs:** Não recebemos registro textual dos diálogos nesse GT.

<b>GT 2</b>	<b>Negro/a nos espaços institucionais</b>
<b>Mediação</b>	<b>Profª. Drª. Cristiane Sousa da Silva – Coordenadora do NEABI de Jaguaribe</b>

**Obs:** Não recebemos anotações dos diálogos deste GT e nem registros fotográficos.



### **3º DIA: sexta-feira, 06/12/2019 das 13h às 15h30min**

Foi organizada uma assembleia para apresentar os principais encaminhamentos da reunião dos coordenadores e membros dos Neabis do IFCE, a escolha do *campus* que sediará o evento do Neabis em 2020 e as falas de encerramento.

Os pontos referentes ao Regulamento dos NEABIS e as propostas de alterações foram discutidas, durante a reunião dos coordenadores, no turno da manhã. Hellen apresentou cada ponto passível de mudança e abriu espaço para discussões e votação entre os presentes no auditório.

Após as apresentações e as aprovações, foi aberto um espaço para os *campi* se candidatarem à sede para o próximo encontro dos NEABIS. Nesse momento, tivemos a defesa apresentada pelo professor Luciano, representando o *campus* de Crato, depois a da professora Iara, representando o *campus* Paracuru, e, em seguida, Maria de Jesus, representando o *campus* Tianguá.

O 1º a se apresentar foi o professor Luciano, membro do Neabi - *campus* Crato. O mesmo falou da expectativa do *campus* em sediar o evento do Neabis em 2020. O docente disse que sediar um evento como este ajudaria a fortalecer as discussões e ações sobre a diversidade étnico-racial, já implementadas no *campus*.

Em seguida, a professora Iara, membro do Neabi - *campus* Paracuru, destacou os aspectos positivos trazidos com a realização de um evento com porte que tem o Encontro dos Neabis. Elencou algumas atividades já desenvolvidas pelo Neabi do *campus* Paracuru, a exemplo do trabalho com a comunidade indígena, eventos para trabalhar as questões raciais, dentre outros.

Por fim, a técnica administrativa e membro do Neabi do *campus* Tianguá, Maria de Jesus, apresentou um pouco das ações realizadas pelo Neabi do referido *campus*. A servidora falou da oportunidade que a comunidade acadêmica do *campus* tem em participar do evento do Neabis.

Depois das exposições, passamos para a votação: *campus* Crato - 9 votos; *campus* Tianguá - 17 votos; *campus* Paracuru - 22 votos. Como resultado final, o *campus* Paracuru sediará o VII Encontro do Neabis IFCE.

Às 15h30min foi servido o coffee break de encerramento.



**Foto 17:** Escolha do *campus* que sediará o próximo encontro dos NEABIS do IFCE em 2020.



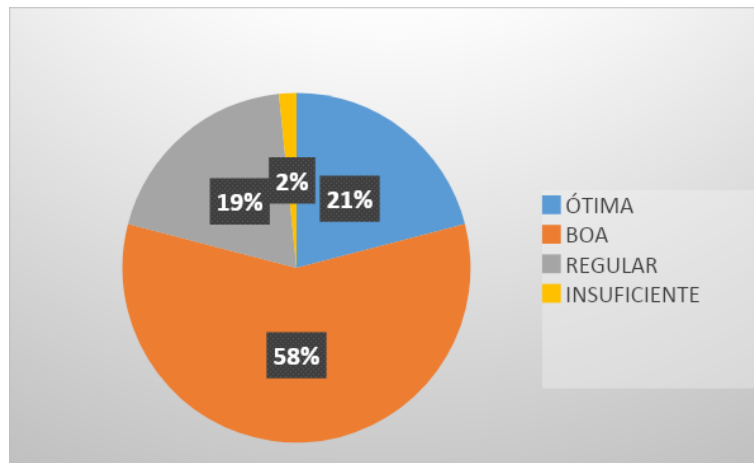
### **III AVALIAÇÃO DO VI ENCONTRO DO NEABIS IFCE**

Visando conhecer qual a percepção dos/as participantes, quanto aos aspectos ligados à divulgação e mobilização, infraestrutura, programação e execução do evento, bem como abrir um espaço para sugestões de temas a serem abordados em futuros eventos, foi aplicada uma ficha de avaliação. Obteve-se resposta de 62 participantes.



Os resultados dessa avaliação podem ser contemplados a partir do gráfico e comentários abaixo:

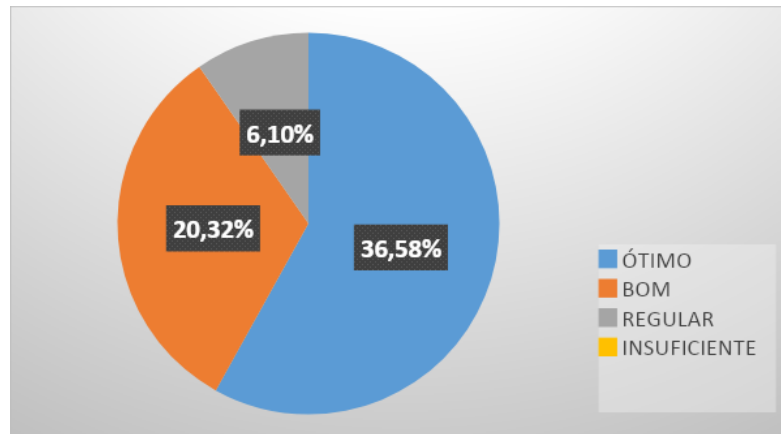
## 1. DIVULGAÇÃO E MOBILIZAÇÃO



Comentários:

- O *campus* está de parabéns;
- No folder deveria constar as localizações dos eventos;
- Mais divulgação nas mídias sociais;
- Para o *campus* Juazeiro, a divulgação foi feita poucos dias antes do evento;
- A divulgação foi ótima. Mobilização não foi tão boa, devido a localização do *campus*;
- Mais pessoas deveriam ter acesso, incluindo coletivos de periferia que estão fora do espaço acadêmico;
- Precisava ter sido antecipada para uma maior divulgação nos *campi*;
- O evento, a exemplo dos outros anos, houve uma participação reduzida da comunidade interna;
- Minha inscrição não foi confirmada, apesar de eu ter recebido e-mail de confirmação. A instituição (IFCE) não deu o devido destaque à realização do evento;
- A divulgação da programação possa sair com uma maior antecedência.

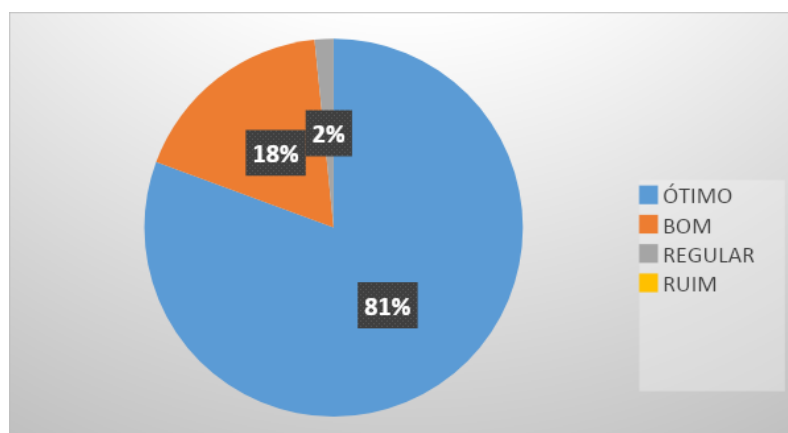
## 2. O QUE VOCÊ ACHOU DO LOCAL ONDE O EVENTO FOI REALIZADO?



Comentários:

- O local é ótimo, complicado é a localização;
- Toda organização está de parabéns, quanto a estrutura. O espaço é acolhedor;
- Maravilhoso. O *campus* é muito acolhedor;
- Mesmo com a falta de água no *campus*, nos deram todo auxílio;
- Todas as minhas necessidades foram supridas;
- Ótimo, porém o alojamento no *campus* fez muita falta e fomos informados muito tarde que não teria, fomos pegos de surpresa e quase não conseguimos ir;
- Muito bom, adequado, salas amplas;
- Toda a estrutura necessária estava disponível, tudo limpo e bem organizado.

### 3. COMO VOCÊ AVALIA O DOMÍNIO TEÓRICO-PRÁTICO DOS PALESTRANTES E DEBATEDORES DO EVENTO?



Comentários:



## VI ENCONTRO DOS NEABIS

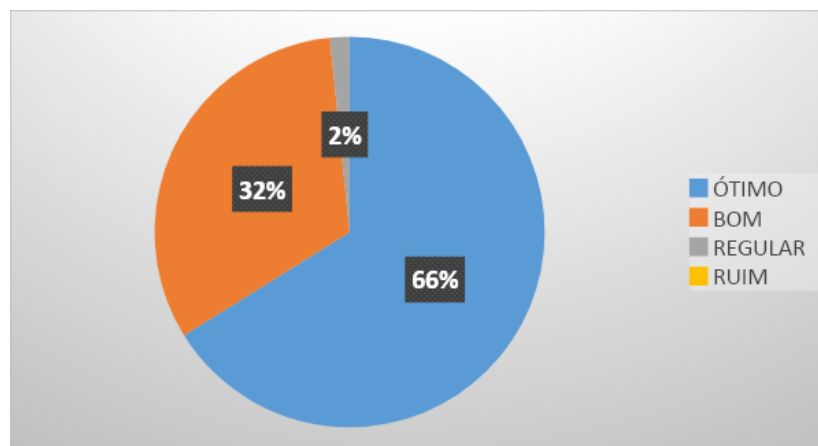
04, 05 e 06 de Dezembro/2019

RACISMO ESTRUTURAL E EXTERMÍNIO DAS ALTERIDADES: CAMINHOS DE SUPERAÇÃO



- Tudo ótimo, palestrantes tiveram todo um embasamento teórico e fizeram maravilhosas alusões ao cotidiano;
- A escolha dos palestrantes foi perfeita, inclusive quero ressaltar a importância de ter uma mesa só com povos indígenas;
- Excelente domínio sobre os temas tratados;
- Maravilhoso, pessoas altamente preparadas;
- Parabéns. Excelente domínio por parte dos palestrantes;
- Todas as falas foram importantíssimas – apropriação e domínio, foram verdadeiras aulas;
- A roda de conversa sobre religiões de matrizes africanas não conseguiu estabelecer pontos para reflexão do grupo.

### 4. O QUE VOCÊ ACHOU DAS RODAS DE CONVERSA, OFICINAS E GT's?

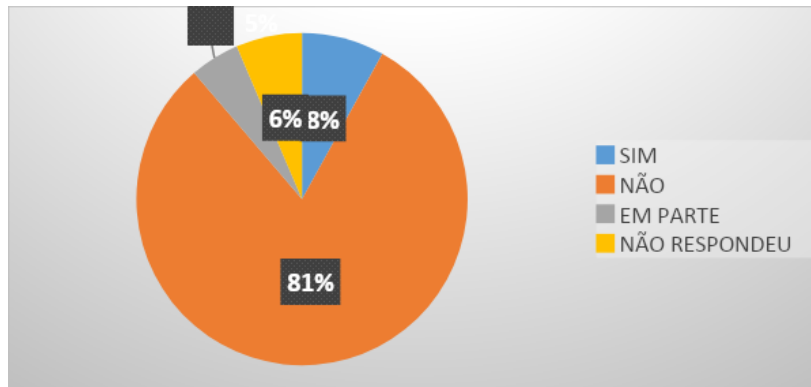


Comentários:

- O que participei foi bom, mas esperava mais, vim com uma expectativa e foi outra (feminismo negro);
- Melhorar na pontualidade;
- Temas bastante reflexivos;
- Os temas foram bastante variados, contemplando muitas possibilidades e permitindo, ao mesmo tempo, aprendizagens profundas e lúdicas;

### 5. DENTRE OS ASSUNTOS TRATADOS, ALGUM NÃO FICOU CLARO?

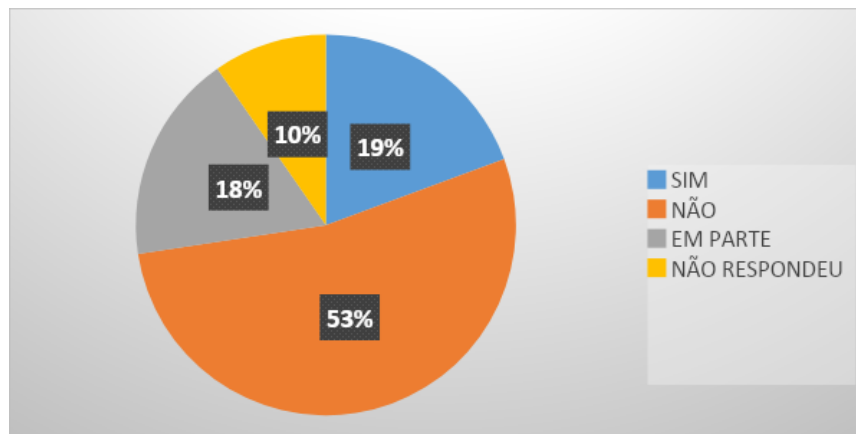




Comentários:

- Todas as palestras foram significativas;
- Na roda de conversa “Feminismo Negro”, a professora mediadora parecia não ter consciência racial;
- A questão das Leis 10.639/03 e 11.645/08;
- Indígenas.

## 6. VOCÊ SENTIU FALTA DE ALGUM ASSUNTO? QUAL?



Comentários:

- Faltou abordar, de forma mais incisiva, a necropolítica e estratégias práticas para combatê-la;
- História dos negros no Ceará e comunidade negra lgbtq+ ;
- O espaço da mulher indígena na sociedade brasileira, a questão dos indígenas nas universidades, mesa redonda com representatividade indígena e negra sobre ações afirmativas;
- Questões de LGBTQ+ negro e indígena;
- Maior presença de indígenas em mesas de debate;



## VI ENCONTRO DOS NEABIS

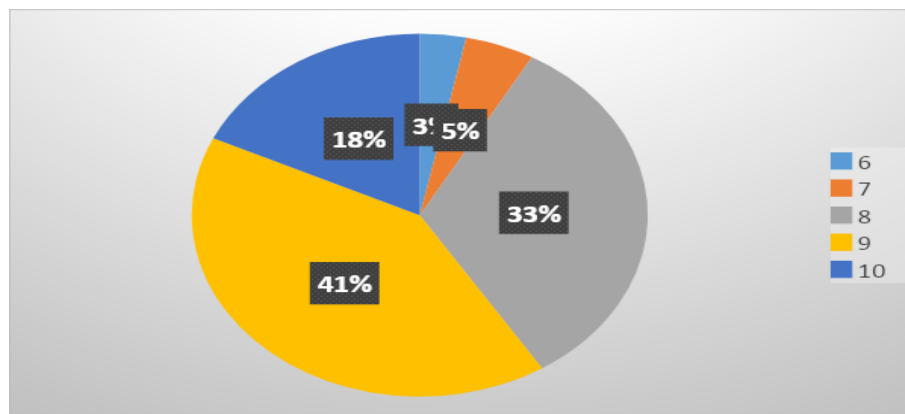
04, 05 e 06 de Dezembro/2019

RACISMO ESTRUTURAL E EXTERMÍNIO DAS ALTERIDADES: CAMINHOS DE SUPERAÇÃO



- Diversidade sexual;
- LGBT's no geral;
- Negros/Indígenas nas áreas das exatas/biológicas;
- Feminismo indígena;
- Heteroidentificação;
- Publicação científica no evento;
- Realidade dos Núcleos;
- A divulgação dos trabalhos realizados pelos NEABIs, durante outros períodos do ano;
- Presença de lideranças quilombolas compondo as mesas para trazer um pouco das suas realidades;
- Perfil do estudante negro/quilombola/indígena do IFCE;
- Práticas pedagógicas voltadas às relações étnico-raciais;

### 7. QUAL A NOTA GERAL QUE VOCÊ DÁ PARA O EVENTO?



### 8. A PARTIR DA NOTA ATRIBUÍDA ACIMA, QUAL A SUA IMPRESSÃO DO ENCONTRO E DA PROGRAMAÇÃO?

- A preparação foi bem articulada, as oficinas foram muito boas, só senti falta de um acolhimento, mas foi tudo incrível;
- Faltou um pouco de organização, tendo em vista os atrasos que ocorreram;
- Recepção, ambiente e a troca de conhecimentos foram extremamente construtivos;
- O evento foi maravilhoso, realmente foi feito o que foi proposto;
- Boa;
- O NEABI de Iguatu está de parabéns, a organização foi perfeita, tirando alguns atrasos, mas mesmo assim foi lindo;
- Um ótimo encontro, porém faltou organização no cronograma e em relação aos horários;



## VI ENCONTRO DOS NEABIS

04, 05 e 06 de Dezembro/2019

RACISMO ESTRUTURAL E EXTERMÍNIO DAS ALTERIDADES: CAMINHOS DE SUPERAÇÃO



- Boa. Apenas melhorar a pontualidade, durante o evento, mas nada que atrapalhe;
- Foi um encontro bem preparado e com uma boa metodologia;
- Foi boa, porém senti falta da abordagem da causa indígena em mesa para todos os participantes;
- Ótima pauta, conteúdo rico e plural;
- Boa, porém faltou mais interação entre os participantes devido o deslocamento de muitos para outros locais da cidade;
- Encontro maravilhoso, onde tivemos compartilhamento de ideias sobre vivências e experiências diferentes;
- Programação de alto nível;
- Ótimo encontro, só faltou um pouco mais de organização nos horários;
- Estava ótimo, mas pecou em alguns aspectos como divulgação e na organização;
- Foi ótimo, mas no último dia não foi tão bom;
- Foi bom, só precisa melhorar para conseguir começar a programação no horário previsto;
- O evento foi enriquecedor de conhecimentos e ideias. Só tive problema com a roda de conversa “Feminismo Negro”. Estamos cansados de sermos usados como “ratos de laboratório” para pesquisa de branco;
- O evento atendeu ao que se propôs;
- Adorei, viria outras vezes;
- O conteúdo abordado foi muito rico, porém, a questão dos atrasos acaba prejudicando um pouco;
- Foi um evento bem estruturado, com assistência muito boa e logística considerável/significativa (alimentação, estrutura). No entanto, a programação paralela de mesas/rodas/oficinas não foi legal. Rodas de conversa não foram claras e objetivas;
- Falta um pouco de organização para cumprir o horário, no último dia, o GT2 começou com mais de 1 hora de atraso;
- O evento foi muito bonito e gratificante, contribuindo para o enriquecimento intelectual;
- Necessário e construtor de muito conhecimento;
- Foi muito bom, pois o evento incluiu temas relacionados à educação;
- Os assuntos tratados foram maravilhosos e bem atuais, um evento bem organizado;
- O encontro e a organização foram totalmente satisfatórios;
- Foi bastante proveitoso;
- No momento das perguntas, os participantes se prolongaram muito, o que diminuiu o tempo de fala do/a palestrante;
- Foi bom, bem organizado, foi bastante explanado a questão do racismo, porém senti que faltou participação e integração dos “visitantes”;
- Domínio teórico-prático foi excelente;
- Foi bom;
- Muito importante para entendermos as lutas dos povos;
- O encontro e a programação estavam ótimos. Faltou só compromisso dos participantes na plenária;



## VI ENCONTRO DOS NEABIS

04, 05 e 06 de Dezembro/2019

RACISMO ESTRUTURAL E EXTERMÍNIO DAS ALTERIDADES: CAMINHOS DE SUPERAÇÃO



- Achei tudo muito bom, a programação muito bem elaborada, o encontro bem organizado, com temas de suma importância;
- Encontro bem preparado e com uma boa metodologia;
- Relação mais direta e focada a processos de formação e educação;
- Integração e receptividade, no sentido de acolhimento ficou a desejar por narrativas de coordenadores/as que não conheciam ainda uns aos outros;
- O encontro foi razoável;
- Encontro necessário para o fortalecimento dos NEABIs e formação em rede;
- Tudo foi muito bem organizado e executado;
- O evento teve muita qualidade nos temas e espaços organizados. O único problema foi quanto à inscrição e divulgação. Vai ser difícil para o próximo *campus* manter o nível tão bom;
- Foi contemplado na íntegra a programação, chamamos a atenção para os atrasos, mas cumpriu-se toda a programação;
- A impressão que fica é de um encontro bem articulado, bem programado, elevando o nível do encontro anterior, inclusive dos palestrantes. A única questão foi a previsão da reunião das coordenações dos NEABIs;
- Ótimo acolhimento, programação bem desenvolvida e com pessoas bem capacitadas;
- O encontro poderia ter tido a participação de alunos dos demais *campi* além de Iguatu;
- Quero parabenizar pelo lindo evento;

## 9. SUGESTÕES PARA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES

- Conscientizar os alunos sobre a importância da participação nas palestras;
- Divulgar mais nas redes sociais;
- Garantir alojamento, visto que muitos alunos não recebem bolsas para ficar em hotéis;
- Continuar sempre com a divulgação e agregar mais atividades práticas;
- Que os encontros foquem para a apresentação de trabalhos científicos, é necessário a produção acadêmica, ocupar esses espaços;
- Atividades mais dinâmicas, envolvendo práticas e costumes dos povos negros e indígenas;
- Melhorar apenas a pontualidade;
- Criar parceria com outros movimentos;
- Que se trate de assuntos sobre família, aceitação, literatura e saúde;
- Vivências externas, oficinas de práticas tradicionais;
- Melhorar a articulação de acolhida;
- Mais oficinas diversificadas e dinâmicas;
- Ter mais atividades práticas;
- Mais organização;
- Conseguir usar o tempo certo;
- Atentar nos horários das mesas, pensar bem em cada nome para mediação;



## VI ENCONTRO DOS NEABIS

04, 05 e 06 de Dezembro/2019

RACISMO ESTRUTURAL E EXTERMÍNIO DAS ALTERIDADES: CAMINHOS DE SUPERAÇÃO



- Negros/Indígenas nas áreas das exatas/biológicas;
- Trazer teóricos negros/as cearenses, investigar novas vertentes do movimento indígena para trazer aos debates;
- Levar o debate para fora da instituição, como evento em espaços públicos;
- A reunião dos coordenadores dos NEABIs deveria ser no início do evento;
- Acessos básicos no *campus*;
- Ter pontualidade e menos brancos;
- Não colocar rodas de conversas, grupos de trabalhos de oficinas de forma paralela, que o ministrante/responsável seja objetivo, claro, esclarecedor e sistemático;
- Pautas LGBTQ+, organizar melhor os horários e ter mais negros mediando os espaços;
- Disponibilidade de acesso básico dentro do próprio *campus*;
- Ser pontual.
- Oficinas práticas, produção e-book, divulgar a programação antecipadamente;
- Evento científico com apresentação de trabalhos;
- Que traga as experiências curriculares e/ou pedagógicas das escolas quilombolas e/ou indígenas, quando as mesmas estiverem geograficamente localizadas próximo ao *campus*;
- Que no 7º encontro, tenhamos apresentação de artigos científicos – produções dos NEABIs;
- O formato pede uma organização em mais dias, troca de experiências entre os NEABIs;
- Promover uma participação maior da comunidade externa;
- Divulgação da programação com maior antecedência para que as ajudas de custo e transportes sejam agilizadas;
- Comissão organizadora do evento ser composta por um representante de cada Neabi + Proext;
- Maior espaço para expressões artísticas;
- Socialização das experiências por meio de apresentação oral, banner, entre outros;
- Garantir o espaço para reunião dos coordenadores;
- Incluir na programação algumas atividades de campo (comunidades indígenas, quilombolas, escolas diferenciadas, etc) – proporciona uma ligação maior com esses povos e a saída dos muros da instituição;
- Oficinas de práticas pedagógicas voltadas às áreas do conhecimento para sensibilização e atuação docente;
- Camping para aquelas pessoas que queiram dormir em redes ou barracas.



## FOTOS DO EVENTO

**Foto 18:** Parte do *campus* de Iguatu, onde aconteceram as atividades do evento



**Foto 19:** Professora Vera e professora Joalice da Unilab





**Foto 20:** Palestra de abertura



**Foto 21:** As cerimonialista da primeira noite do evento





**Foto 22:** Mesa de abertura: representante dos alunos do *campus* de Paracuru



**Foto 23:** Auditório no 2º dia do evento







**Foto 24:** Entrega de brindes a participação de grupos de danças



**Foto 25:** Oficinas 1 das danças africanas





## IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

O VI Encontro dos Neabis, sediado pelo *campus* Iguatu, teve como temática central Racismo estrutural e extermínio das alteridades: caminhos de superação. O evento constitui-se como uma oportunidade da comunidade acadêmica do IFCE, discentes e servidores e a comunidade externa, discutir e construir estratégias de superação do racismo estrutural, que ainda assola a vida das pessoas negras, e o preconceito contra os povos indígenas, marcas ainda presentes na nossa sociedade.

A programação do Encontro contemplou atividades diversas: palestras, mesas redondas, oficinas, rodas de conversas, grupos de trabalhos e reunião com os coordenadores e vice-coordenadores dos Neabis. Todas estas ações foram construídas para dialogar e apontar encaminhamentos junto aos Núcleos, que vêm se mostrando como espaços indispensáveis no combate à discriminação e ao racismo.

Ademais, assim como nos encontros anteriores, este foi um momento propício para os representantes dos Neabis compartilharem experiências entre si e alinharem o trabalho nos *campi*, atendendo às especificidades de cada localidade e fortalecendo os Núcleos, enquanto coletivo, dentro e fora do IFCE, que busca romper com o racismo institucional.